

**INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA (IFSC)**  
**CENTRO DE REFERÊNCIA EM FORMAÇÃO E EAD (CERFEAD)**  
**ESPECIALIZAÇÃO EM TECNOLOGIAS PARA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

**ESTRATÉGIAS DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL PARA INSERÇÃO DE  
LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL I: UMA REVISÃO INTEGRATIVA  
DE LITERATURA**

**Trabalho de Conclusão  
WESCLEY JOSÉ LIRA**

**Florianópolis/SC  
2019**

**WESCLEY JOSÉ LIRA**

**ESTRATÉGIAS DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL PARA INSERÇÃO DE  
LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL I: UMA REVISÃO INTEGRATIVA  
DE LITERATURA**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Centro de  
Referência em Formação e EaD (CERFEAD) do Instituto Federal de  
Santa Catarina (IFSC) como requisito parcial para Certificação do Curso  
de Pós-Graduação *lato sensu* em Tecnologias para Educação Profissional.

Orientador: Prof. Dorival Menegaz Nandi, M. e  
Coorientadora: Prof. <sup>a</sup> Cristiane da Silva Coimbra Lira, M. <sup>a</sup>

Florianópolis/SC

2019

## RESUMO

**LIRA, Wescley José. Estratégias de tecnologia educacional para inserção de língua inglesa no ensino fundamental I: uma revisão integrativa de literatura.** Ano. 2019 f. Trabalho de Conclusão (Curso de Pós-Graduação *lato sensu* em Tecnologias para Educação Profissional) – Instituto Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2019.

Este artigo aborda o tema Estratégias de tecnologia educacional para inserção de língua inglesa no ensino fundamental I: uma revisão integrativa de literatura. Assim, tem por objetivo geral propor estratégias de tecnologias educacionais no intuito de inserir a disciplina de língua inglesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental e, especificamente, apresentar a relevância do ensino desta no currículo escolar; mostrar as implicações da aprendizagem de um segundo idioma para o desenvolvimento cognitivo dos educandos; e demonstrar estratégias de tecnologias educacionais no processo de ensino-aprendizagem deste idioma. A pesquisa ancora-se nas orientações advindas de documentos oficiais que regulamentam a educação brasileira, além de estudiosos, como Gervai (2018), Crystal (2003), Schutz (2018), Leite (1995), Moran (2015), Borges (2011), Fadel e Ulbricht (2014), Sousa *et. al* (2017), Souza (2013), entre outros. A metodologia utilizada teve abordagem qualitativa, de caráter exploratório, apoiada na pesquisa bibliográfica. Os resultados deste estudo evidenciam que tem havido esforços para a valorização do ensino de língua estrangeira, inglês, além do reconhecimento da relevância do aprendizado de uma segunda língua. E, para que isso ocorra de forma eficaz, é preciso que os alunos estejam motivados a aprender. Portanto, perante as inovações tecnológicas, encontrou-se nas estratégias de tecnologias educacionais o caminho para se alcançar esse propósito, pois são recursos que podem fazer a diferença na qualidade de ensino do inglês nas escolas regulares, o que contribui para a integração do discente na sociedade em que vive, além de democratizar o acesso ao conhecimento.

**Palavras-chave:** Tecnologia educacional. Estratégias. Inglês. Ensino fundamental.

## ABSTRACT

**LIRA, Wescley José. Estratégias de tecnologia educacional para inserção de língua inglesa no ensino fundamental I: uma revisão integrativa de literatura.** Ano. 2019 f. Trabalho de Conclusão (Curso de Pós-Graduação *lato sensu* em Tecnologias para Educação Profissional) – Instituto Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2019.

This article deals with the theme “educational technology strategies for teaching and learning English in the first phase of elementary school”. Thus, its general objective is to propose educational technology strategies in order to insert the English language discipline in the early years of elementary school and, specifically, to present the relevance of its teaching in the school curriculum; show the implications of learning a second language for the cognitive development of learners; and demonstrate educational technology strategies in the teaching-learning process of this language. The research is anchored in the orientations coming from official documents that regulate the Brazilian education, besides scholars, such as Gervai (2018), Crystal (2003), Schutz (2018), Leite (1995), Moran (2015), Borges (2011). ), Fadel and Ulbricht (2014), Sousa et. al (2017), Souza (2013), among others. The methodology used had a qualitative approach, exploratory, supported by bibliographic research. The results of this study show that there have been efforts to enhance the teaching of foreign language, English, in addition to recognizing the relevance of learning a second language. And for this to happen effectively, students need to be motivated to learn. Therefore, in view of technological innovations, educational technology strategies have found the way to achieve this purpose, as these resources can make a difference in the quality of English teaching in regular schools, which contributes to the integration of students into society in which they live, in addition to democratizing access to knowledge.

**Keywords:** Educational technology. Strategies. English. Elementary school.

## Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2 O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA NA ESCOLA REGULAR E OS PCN .....</b>	<b>7</b>
<b>2.1 A Língua Inglesa em evidência no currículo escolar .....</b>	<b>9</b>
<b>3 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA, INGLÊS, PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DE ALUNOS NA PRIMEIRA FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL .....</b>	<b>11</b>
<b>4 A TECNOLOGIA EDUCACIONAL NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA .....</b>	<b>13</b>
<b>4.1 Motivação: um componente essencial no processo de ensino-aprendizagem .....</b>	<b>15</b>
<b>5 ESTRATÉGIAS DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL PARA A APRENDIZAGEM DO INGLÊS, COMO SEGUNDO IDIOMA, NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL .....</b>	<b>16</b>
<b>6 METODOLOGIA .....</b>	<b>18</b>
<b>7 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>20</b>
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>21</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>23</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A aprendizagem de Língua Estrangeira (LE) faz parte da formação do cidadão. À vista disso, o idioma precisa estar a serviço de seu usuário, pois a língua é um veículo de comunicação. Assim, a importância da Língua Inglesa no currículo escolar não tem se dado somente pelo fato de ser considerada uma língua global (CRYSTAL, 2003), mas também por proporcionar maior interação e integração do indivíduo dentro da atual sociedade, a qual se encontra cada vez mais conectada ao universo das tecnologias digitais.

Nesse contexto, torna-se importante buscar alternativas que possam ser utilizadas em sala de aula para desenvolver habilidades concernentes ao estudo da Língua Inglesa, como segundo idioma, tendo-a como disciplina indispensável para o desenvolvimento intelectual dos discentes. No entanto, Tapia e Fita (2015) esclarecem que isso deve ser feito de forma prazerosa,

Deste modo, o objetivo do presente artigo é propor estratégias de tecnologias educacionais no intuito de promover a inserção da disciplina de Língua Inglesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Assim sendo, buscou-se, especificamente, apresentar a relevância do ensino de Língua Estrangeira, notadamente, o inglês, no currículo escolar nos anos iniciais do ensino fundamental; mostrar as implicações da aprendizagem de um segundo idioma para o desenvolvimento cognitivo dos discentes logo nos anos iniciais do ensino básico; e propor estratégias de tecnologias educacionais no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa no ensino fundamental I.

Assim, o interesse em tal estudo justifica-se pelas reflexões feitas, a partir das experiências vividas enquanto educador em escola pública no ensino fundamental I (4º e 5º ano) da disciplina de Língua inglesa, sobre a necessidade de um contato mais cedo, dos educandos, logo nos anos iniciais do ensino fundamental I, com um segundo idioma, o inglês, haja vista o ensino de língua estrangeira ser considerado obrigatório somente a partir do 6º ano do Ensino Fundamental II (Brasil, 1996). E da necessidade observada de estratégias de tecnologias educacionais que possibilitem essa inserção de forma lúdica no intuito de que os alunos sejam co-autores no processo de ensino-aprendizagem.

Logo, para desenvolver este artigo, tomou-se como base o estudo exploratório baseado em pesquisa bibliográfica extensa a partir de uma abordagem qualitativa dos resultados, em que se preocupou com as análises e interpretações dos resultados.

Assim, esta pesquisa aporta-se teoricamente nos estudos de Gervai (2018), Saviani (1986), Bakhttin (1997), Edmundo (2013), Crystal (2003), Schutz (2018), Sudbrack (2013), Rocha (2009), Leite (1995), Tapia e Fita (2015), Moran (2015), Borges (2011), Fadel e Ulbricht (2014), Sousa *et. al* (2017), Souza (2013), os PCN (1998), BNCC (2018), LDB- 9394/96, entre outros que contribuíram para aprofundar o conhecimento a respeito do tema abordado, “estratégias de tecnologia educacional para o ensino-aprendizagem da Língua inglesa e inserção desta no ensino fundamental I”.

Assim, inserir a Língua Inglesa dentro das escolas nos anos iniciais a partir de estratégias de tecnologia educacionais, e passar sua importância dentro da sociedade em que vivemos é abrir os olhos dos discentes para sua necessidade no mercado de trabalho, no qual atuarão futuramente, e para a vida de um modo geral.

## **2 O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA NA ESCOLA REGULAR E OS PCN**

Hodiernamente, em meio a um mundo globalizado e informatizado, a inter-relação com as mais variadas culturas e sociedades apresenta-se cada vez mais constante e necessária nos diversos setores sociais; seja nas relações políticas e comerciais entre países que falam línguas distintas, ou em pesquisas científicas que requerem um estudo aprofundado sobre determinado tema, inclusive em outros idiomas; ou ainda, em intercâmbios, independente da finalidade deste, quando se pretende conhecer outros países, outras culturas e pessoas.

Nesse contexto, o aprendizado de Línguas Estrangeiras (LE) tem se tornado uma ferramenta para compreender, desenvolver e aprimorar a linguagem, inclusive no que concerne à língua materna, promovendo interação nos mais diversos âmbitos da vida humana (GERVAI, 2018). Deste modo, a Língua passa a servir à sua principal função que, de acordo com Mattoso (1955, p. 54), é “expressar a cultura para permitir a comunicação social”.

Como se vê, por meio do aprendizado de Línguas, o indivíduo passa a conhecer estruturas linguísticas variadas, que o possibilita ver o mundo sob diferentes

perspectivas, sendo, portanto, capaz de experimentar uma multiplicidade de realidades que, por sua vez, é imprescindível para inserir-se no mundo contemporâneo.

A sociedade pós-moderna e suas peculiaridades tem influenciado diretamente no modo de educar em todos os seus aspectos, inclusive no que tange ao ensino e aprendizagem de Línguas nas escolas regulares, sejam públicas ou particulares (BRASIL, 1998).

A aprendizagem de Língua Estrangeira contribui para o processo educacional como um todo, indo muito além da aquisição de um conjunto de habilidades linguísticas. Leva a uma nova percepção da natureza da linguagem, aumenta a compreensão de como a linguagem funciona e desenvolve maior consciência do funcionamento da própria língua materna (BRASIL, 1998, p. 37).

Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais têm evidenciado a importância de outros idiomas no processo educacional e ressaltam que a aquisição de uma outra Língua, além da materna, proporciona uma consciência linguística muito maior desta, o que favorece o aprendizado não somente de disciplinas voltadas para a área da Linguagem, mas também para as demais, como matemática e ciências da natureza. Assim, além de facilitar o conhecimento acadêmico também promove, aos alunos, a integração social.

É relevante mencionar, diante do que se tem dito, o importante papel inclusivo que o ensino de Língua Estrangeira possibilita aos educandos. Para Freitas e Arruda (2014), a questão da inclusão está diretamente relacionada à cidadania, pois ser cidadão é fazer parte dos processos sociais e compreender o lugar que se ocupa na sociedade. Elas salientam, portanto, que “o ensino de línguas estrangeiras pode desenvolver a inclusão dos alunos na comunidade escolar, e conseqüentemente, da inclusão na sociedade (FREITAS; ARRUDA, 2014, p. 7)”.

No entanto, ao passo que inclui, o ensino de línguas também pode acarretar a exclusão, como aponta os PCN, Brasil (1998, p. 39):

O reverso da medalha, no entanto, é que, ao mesmo tempo em que pode desempenhar esse papel de promotor de progresso e desenvolvimento, a linguagem pode afetar as relações entre grupos diferentes em um país, valorizando as habilidades de alguns grupos e desvalorizando as de outros. Internamente, pode servir como fonte poderosa e símbolo tanto de coesão como de divisão. Externamente, pode servir como instrumento de elitização que capacita algumas pessoas a ter acesso ao mundo exterior, ao mesmo tempo em que nega esse acesso a outras (BRASIL, 1998, p. 39).



A exclusão mencionada nos PCN ocorre quando o ensino de Línguas não consegue alcançar os seus aprendizes, o que pode ocorrer por diversos fatores, como: a não oferta dessa disciplina durante a educação básica, inclusive nos anos iniciais, quando o processo de consolidação linguística está em alta (SCHUTZ, 2018), o que facilitaria muito o aprendizado dos alunos para os anos seguintes; ou até mesmo devido as metodologias utilizadas que encontram-se defasadas; ou ainda devido ao despreparo dos professores em ensinar para inserir e não apenas para que o aluno seja um mero repetidor de frases simples e que muitas vezes não condiz com a realidade que vivencia.

Assim, por mais que os PCN têm afirmado claramente que “no que se refere ao ensino de línguas, a questão torna-se da maior relevância [...] ser capaz de se comunicar [...] em uma ou mais línguas estrangeiras (BRASIL, 1998, p. 38)”; o que se percebe é que pouco se tem feito diante da necessidade de um ensino de Língua Estrangeira mais sólido e eficaz, que atenda de fato aquilo que os educandos precisam, como participarem ativamente da sociedade, sendo, deste modo, capazes de ler e compreender artigos em outras línguas, o que amplia o alcance do conhecimento; utilizar jogos e entretenimentos com mais intensidade e de forma mais prazerosa, manusear computadores com facilidade, conversar sem timidez com pessoas de outros países, o que também promove a ampliação de conhecimentos, pois trata-se de conhecer culturas.

Assim, o bilinguismo e o multilinguíssimo está cada vez mais próximo da realidade dos aprendizes, sendo imprescindível que adequações sejam feitas, inclusive nas diretrizes que regem a educação no Brasil, relacionada ao ensino de Língua Estrangeira, para que os alunos possam de fato concluir a Educação Básica compreendendo uma outra Língua, o inglês, por ser a mais comumente estudada nas escolas regulares nacionais.

## **2.1 A Língua Inglesa em evidência no currículo escolar**

Diante de uma sociedade multicultural, que tem buscado uma educação voltada para a pluralidade, altamente conectada, em que as distâncias diminuíram drasticamente, é necessário que os discentes sejam imersos nessas mudanças desde cedo. Nesse cenário, observa-se a relevância do ensino e aprendizagem de, no

mínimo, um segundo idioma; no caso, o inglês, como forma de sobrepor barreiras, inclusive as que concernem à língua pátria.

No âmbito educacional, a relação que se estabelece entre educação e trabalho é proximal, quando se observa que o sistema educacional se estrutura a partir das necessidades de trabalho, uma vez que este condiciona as ações na vida do homem (SAVIANI, 1986). Deste modo, nota-se a interdependência existente entre aquilo que se ensina nas escolas, e que se encontra em parâmetros e diretrizes que são referências para a construção do currículo escolar, e a esfera do trabalho.

O interesse voltado para o estudo e proficiência do inglês é assunto expresso, de forma clara, nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o qual afirma que “a posição do inglês nos campos dos negócios, da cultura popular e das relações acadêmicas internacionais coloca-o como a língua do poder econômico e dos interesses de classes (BRASIL, 1998, p. 39-40)”.

Entretanto, faz-se necessário repensar o ensino do inglês nas escolas regulares, de modo que seja um aliado para o aprendizado e para a compreensão da língua vernácula; e não somente um ensino gramaticalizado e com ênfase no vocabulário, mas associado a programas educacionais bem planejados e elaborados.

Desta feita, Miranda (2015) ressalta que um ensino voltado exclusivamente para atender às necessidades mercadológicas corre o risco de menosprezar a essencialidade e subjetividade que envolve o universo do aprendizado de outros idiomas.

Nesse sentido, Bakhtin (1997, p. 368) corrobora afirmando que: “O encontro dialógico de duas culturas não lhes acarreta a fusão, a confusão; cada uma delas conserva sua própria unidade e sua totalidade aberta, mas se enriquecem mutuamente”.

Assim, à medida que o indivíduo mantém contato com outra Língua, no caso a inglesa, que representa uma outra cultura; o despertar da consciência linguística torna-se potencialmente mais efetivo, pois quando se observa o outro é mais fácil de enxergar a si mesmo. Logo, “o contato com uma língua dá ao sujeito a possibilidade de entrada no mundo do outro e na realidade de sua cultura, independente de fronteiras regionais ou geográficas (EDMUNDO, 2013, p. 60)”.

É esta concepção que se deve ter da aprendizagem de uma língua estrangeira, notadamente do inglês: usá-lo para se ter acesso ao conhecimento em vários níveis (nas áreas científicas, nos meios de

comunicação, nas relações internacionais entre indivíduos de várias nacionalidades, no uso de tecnologias avançadas etc.). O acesso a essa língua, tendo em vista sua posição no mercado internacional das línguas estrangeiras, por assim dizer, representa para o aluno a possibilidade de se transformar em cidadão ligado à comunidade global, ao mesmo tempo que pode compreender, com mais clareza, seu vínculo como cidadão em seu espaço social mais imediato (BRASIL, 1998, p. 49).

Diante do exposto, fica evidente a gama de possibilidades de acesso ao conhecimento e de envolvimento na esfera social proporcionadas pelo aprendizado de uma Língua considerada global (CRYSTAL, 2003), notadamente a inglesa. São essas possibilidades que fazem com que o ensino do inglês se torne relevante e apresente papel de destaque como um segundo idioma presente no currículo escolar.

Portanto, a valorização dada à língua inglesa nos referenciais curriculares da educação brasileira é uma demonstração de que há uma tentativa, embora, na prática, alguns ajustes sejam necessários, para que aquilo que se ensina nas escolas esteja de acordo com aquilo que a sociedade exige desses alunos em situações imediatas e reais de uso.

### **3 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA, INGLÊS, PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DE ALUNOS NA PRIMEIRA FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL**

A Lei que regulamenta as diretrizes e bases da educação brasileira, LDB 9394/96, torna compulsório o ensino de Língua Estrangeira nas escolas regulares, a partir do 6º ano até o término do ensino médio. No entanto, deixa a cargo dos setores responsáveis de cada Estado e Município, inclusive das escolas, a escolha da Língua que deverá ser ensinada (BRASIL, 1996). Na maioria das instituições de ensino, a Língua escolhida é o inglês, haja vista ser uma Língua considerada internacional (Mckay, 2004).

Nota-se, desta feita, que a Lei referida no parágrafo anterior não contempla em seu texto a obrigatoriedade ao ensino de LE à educação infantil e nem tampouco ao Ensino Fundamental I. Deixando, deste modo, de proporcionar uma educação verídica e integral, que possa ser iniciada nos primeiros anos do ensino básico e que tenha prosseguimento nas etapas seguintes, através de um ensino direcionado que possa evoluir conforme as fases subsequentes.

De acordo com Jareta (2015), o primeiro contato dos educandos com a Língua inglesa deveria ocorrer logo no início do processo educacional escolar. Isso possibilitaria a estes uma aprendizagem mais funcional, uma vez que o inglês se encontra cada vez mais presente e próximo das vivências das crianças e adolescentes, seja em filmes, inclusive do gênero animação, músicas, brinquedos, smartphones, tablets, computadores, internet e nos mais diversos ambientes sociais.

Quando o assunto é a aprendizagem de um segundo idioma, alguns fatores direta ou indiretamente podem influenciar nesse processo e precisam ser levados em consideração. Schutz (2018) apresenta os fatores biológicos, cognitivos, afetivos, ambiental e o contato direto com falantes da língua. Somado a estes, Sudbrack (2013, p. 33) sugere, ainda, “o método, a atenção, a genética, a aptidão e a motivação”. Rocha (2009), além da motivação, complementa dando destaque ao fator confiança, autoestima e personalidade, além do “tempo de exposição à língua-alvo, a qualidade e a variedade dessa exposição, a adequação dos objetivos ao contexto de ensino (ROCHA, 2009, p. 249 apud MCKAY, 2006)”, como também “as habilidades e conhecimentos do professor em relação aos modos como a criança pensa e aprende línguas (ROCHA, 2009, p. 249 apud WOOD, 1998)”.

Todos os fatores mencionados anteriormente estão de certa forma interligados, agindo uns sobre os outros. E apesar dos autores citados direcionarem seus estudos para linhas específicas de pesquisa, todos são consensuais no que se refere à influência de um outro fator significativo no processo de aprendizagem de Línguas, a idade. E, sugerem que o ensino de um segundo idioma seja introduzido logo na infância e na adolescência (SCHUTZ, 2018), (SUDBRACK, 2013), (ROCHA, 2009).

É relevante também mencionar em relação ao fator idade, a hipótese de Lennenber (1967) denominada “Período Crítico”. A respeito disso, Schutz (2018, p.1) expõe:

Parece não haver dúvida de que existe uma idade crítica (como propõe Lennenber), a partir da qual o aprendizado começa a ficar mais difícil e o teto começa a baixar. Este período parece situar-se entre os 12 e os 14 anos, podendo, entretanto, variar muito conforme a pessoa e, principalmente, conforme as características do ambiente linguístico em que o aprendizado ocorre (SCHUTZ, 2018, p. 1).

Assim, observa-se que até os 12 anos de idade, a facilidade para se aprender uma outra Língua é bem maior, pois nesse período, as normatizações da língua, ainda não se concretizaram totalmente. Isso implica que, se uma criança for exposta a uma

outra língua, esta tenderá a internalizá-la espontaneamente do mesmo modo como faz com a língua materna (SUBDBRACK, 2013). Contudo, esse aprendizado, como já descrito anteriormente, envolve um conjunto de fatores externos e internos que podem dinamizá-lo ou delongá-lo.

As atividades cerebrais realizadas no processo de internalização de um idioma trazem inúmeros benefícios para o “desenvolvimento linguístico e sociocognitivo do aluno (ROCHA, 2009, p. 249 apud BREWSTER et al., 2002)”, pois atua diretamente na sua percepção, na memória, no raciocínio, na imaginação, no pensamento e na linguagem, aspectos altamente necessários e relevantes para um aprendizado integral.

Assim, torna-se substancial o ensino de uma segunda Língua, logo na primeira fase do ensino fundamental, pois quando o educando é posto em contato com um outro idioma, nova realidade lhe é apresentada. Esta passa a ser inserido em um universo novo, cheio de oportunidades e possibilidades dentro da sociedade global em que se vive, promovendo a expansão da sua capacidade interpretativa e cognitiva.

#### **4 A TECNOLOGIA EDUCACIONAL NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA**

O surgimento da tecnologia digital tem propiciado mudanças no modo de ensinar e aprender. A partir do advento da internet, a velocidade das informações passou a ocorrer de modo quase que instantâneo e a sua maior acessibilidade tem promovido a expansão do conhecimento de forma mais acelerada. Nota-se, assim, que o processo de ensino-aprendizagem para o aluno da contemporaneidade não é mais o mesmo de anos passados, o que tem exigido ainda mais o aprendizado de um segundo idioma, o inglês.

Diante dessa conjuntura, surge a Tecnologia Educacional, cuja conceituação, segundo Leite (1995), é bastante complexa, abrangente e dinâmica. Mesmo diante disto, a autora elabora conceitos a partir do que chama de “sub-áreas” de atuação, sendo elas: a de tecnologia instrucional e a de meios Educacionais. Esta última é a que melhor se enquadra nesta pesquisa, pois “está relacionada [...] a variedade de meios disponíveis na sociedade e possíveis de serem incorporados/explorados em situações educacionais (LEITE, 1995, 164)”.

Assim, para se adequar a essa realidade, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que define aquilo que é essencial para a aprendizagem e desenvolvimento intelectual dos educandos durante a educação básica (BRASIL, 2018) apresenta em seu texto, de modo geral, o elemento tecnologia.

Sobre este, a BNCC orienta em seu rol de competências gerais, na quarta competência, para a necessidade da utilização de diversas formas de linguagens, incluindo as digitais. E, em sua quinta competência esboça sobre o protagonismo do discente diante da compreensão e apropriação do uso dessas tecnologias digitais (BRASIL, 2018).

Como se vê, as diretrizes nacionais voltadas para a educação, conhecedoras das mudanças pelas quais a sociedade moderna vivencia e buscando inserir a denominada geração “Z”, os chamados “nativos digitais”, pessoas que nasceram imersas no universo da tecnologia e que está dando novos rumos para a educação (OLIVEIRA, 2010), têm apresentado um direcionamento para a adequação do ensino a esse novo panorama social.

Essas transformações têm ocorrido mediante aos desafios que a escola contemporânea tem enfrentado, o de encontrar meios de acompanhar os recursos tecnológicos a favor de uma aprendizagem satisfatória com vistas ao desenvolvimento integral do aluno.

Assim, de acordo com Leite (1995, p. 162), as tecnologias educacionais têm “por finalidade a renovação da educação através do desenvolvimento de um processo educativo de qualidade”. À vista disso, elas podem ser grandes aliadas dos docentes para dar dinamicidade às aulas de inglês no ensino fundamental I, por intermédio de conteúdo em formato digital, livros e objetos digitais, ambiente virtual de aprendizagem e realidade aumentada entre outros, pois o aluno moderno não tolera mais aulas monótonas, longas e totalmente expositivas, estando estas fadadas ao fracasso.

Contudo, Souza (2015, p. 8) ressalta que “o professor precisa de uma formação que proporcione usar as tecnologias de comunicação e de informação no seu dia-a-dia de forma consciente”. Esta capacitação pode se dar nos âmbitos da formação continuada e também na formação inicial do docente, no intuito de que este possa estar apto a manipular as inovações tecnológicas cada vez mais emergentes.

É evidente, portanto, que no processo de ensino e aprendizagem da Língua inglesa no Ensino Fundamental I, para uma geração altamente conectada e à vontade

com as tecnologias, a apropriação desses recursos pelo professor e o uso de estratégias que motivem os discentes torna-se imprescindível.

#### **4.1 Motivação: um componente essencial no processo de ensino-aprendizagem**

Uma queixa comum no meio docente é a falta de interesse em aprender por parte dos alunos no âmbito escolar, seja sobre qualquer assunto ou área de estudo independentemente do nível social ou cultural dos mesmos. No entanto, quando o assunto é Língua Inglesa, a desmotivação é ainda maior, devido à falta de associação do aprendizado de Língua Estrangeira com a realidade vivenciada.

Para tanto, é preciso que o professor saiba utilizar estratégias para que o aprendizado de uma segunda Língua faça sentido para o aluno e este se sinta motivado a aprender.

Segundo Tapia e Fita (2015, p. 9), “saber motivar para a aprendizagem escolar não é tarefa fácil [...]. A motivação escolar é algo complexo, processual e contextual”. Portanto, não é incomum a reclamação referente ao pouco interesse e ao desvio de atenção para assuntos diversos, inclusive para o aprendizado de língua estrangeira na escola.

Brown (2000) tece algumas considerações a respeito da motivação em sala de aula; segundo o autor, ela pode ser de dois tipos: extrínseca, quando o interesse ou objetivo do aluno está voltado apenas para conseguir o mínimo para ser aprovado, ou seja, alcançar nota; e também pode ser intrínseca, quando o propósito do discente é, na verdade, buscar conhecimento no intuito de enquadrar-se na sociedade em que está inserido, uma vez que reconhece o valor deste para a vida.

Piletti (2004) acrescenta, ainda, que não existe possibilidade de aprendizagem com ausência de motivação. Desse modo, o professor necessita buscar meios para inovar em sala de aula.

Utilizar as Tecnologias educacionais como estratégias para se alcançar um ensino com vistas a uma educação de qualidade e eficaz e não apenas como um recurso esporádico é uma forma de motivar e instigar o aluno a buscar novos conhecimentos.

## 5 ESTRATÉGIAS DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL PARA A APRENDIZAGEM DO INGLÊS, COMO SEGUNDO IDIOMA, NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A tecnologia educacional pode estar presente na educação de diversas maneiras, em *gadgets* (dispositivos), *softwares* e outras soluções educacionais. No entanto, mesmo em meio a tanta tecnologia, esta, ainda, tem ocupado pouco espaço dentro das escolas. Geralmente, a sua utilização é apenas para fins burocráticos, nas secretarias e diretorias, e quando se volta para as escolas públicas essa realidade é ainda mais evidente. Assim, faz-se necessário que a tecnologia educacional chegue às salas de aula e que o professor esteja capacitado para utilizar estratégias que promovam a aprendizagem da língua inglesa.

Nesse sentido, surgem as metodologias ativas, que de acordo com Moran (2015, p. 18), “são pontos de partida para avançar para processos mais avançados de reflexão, de integração cognitiva, de generalização, de reelaboração de novas práticas”.

Desse modo, as metodologias ativas despontam como um contraponto ao ensino tradicional, aquele centrado no professor; e o foco passa, então, a ser o aluno. Nessa circunstância, o educando é o propulsor do próprio conhecimento, enquanto que o professor passa a ser o mediador e facilitador, aquele que orienta o discente para a aprendizagem.

Nesse contexto, as estratégias de tecnologia educacional são muito mais do que recursos didáticos para reter ou captar aluno, na verdade, são formas de promover um aprendizado efetivo na busca de conhecimento e de resoluções reais para determinados problemas.

Nessa perspectiva, existem várias estratégias inovadoras que podem alavancar a aprendizagem da língua inglesa pelos alunos, tornando-os protagonistas do próprio aprendizado, algumas delas são: o ensino híbrido, a sala de aula invertida, a realidade aumentada, a *gamificação*, o *microlearning* e as plataformas digitais.

Para Moran (2015) o ensino híbrido é a mistura de ambiente presencial e virtual no processo de ensino-aprendizagem. Segundo o autor, qualquer escola, as com menos ou mais recursos podem implementá-lo, inclusive os professores, não sendo necessário a criação de plataformas especiais, basta apenas utilizar as redes sociais.



Com essa estratégia, o professor poderá criar um grupo para a turma nas redes sociais, selecionar materiais importantes e de alto impacto, e disponibilizá-los. Vale lembrar que todo o material viabilizado precisa estar voltado para atividades que promovam reflexão e discussão e que serão avaliadas pelo docente, o qual irá mensurar o desempenho dos alunos.

Moran (2015) também conceitua sala de aula invertida, que para ele seria a inversão da lógica tradicional do ensino. Nesta, o professor primeiramente explicava o assunto em sala de aula e o aluno levava para casa atividades para fixação do conteúdo. Porém, por meio dessa nova estratégia, o aprendiz tem contato e acesso ao material a ser estudado, antecipadamente, podendo este ser através de jogos, vídeos, livros digitais, dentre outros, sendo disponibilizados inclusive através das mídias sociais. Na sala de aula o tempo passa a ser utilizado para tirar dúvidas e orientar os alunos.

No que tange à realidade aumentada, segundo Borges (2011, p. 14) esta “consiste na sobreposição de objetos virtuais tridimensionais gerados por computador com um ambiente físico, realizada em tempo real”. É um tipo de estratégia que mistura a realidade virtual tridimensional, com o mundo real ou até mesmo em situações reais, como em simulações para treinar a habilidade de conversação na língua inglesa, ou ainda relacionar objetos às palavras neste mesmo idioma, trabalhando habilidades de escrita, ou em vários outros, proporcionando uma aprendizagem dinâmica e interativa, além de uma maior absorção do conhecimento a partir de situações concretas.

Quanto à *gamificação*, Fadel e Ulbricht (2014, p. 6) conceituam como sendo “a aplicação de elementos de jogos em atividades de não jogos”. Assim, as atividades de não jogos seriam aquelas voltadas para os conteúdos de sala de aula, e *gamificar* é, portanto, inserir jogos para essa realidade, envolvendo os seus participantes, motivando-os. Ela, na verdade, pode ser utilizada dentro das demais estratégias, exatamente pela ludicidade que apresenta.

Em relação as plataformas digitais, o conceito dado por Sousa *et al.* (2017) sobre plataforma adaptativa como sendo “um ambiente virtual de aprendizagem que dispõe de conteúdos que são apresentados aos alunos de diferentes formas (texto, vídeos, exercícios interativos, entre outros)”, estende-se, de um modo geral, para as demais plataformas digitais, como a interativa, entre outras, que recebem o nome de acordo com a finalidade e objetivos, possibilitando que o aluno tenha contato com o inglês para além da sala de aula.

Uma outra estratégia comumente utilizada é o uso de *microlearning*, que de acordo com Souza (2013, p. 53) são “mensagens curtas [...] comumente criados, publicados e compartilhados na *web*”, como vídeos curtos, *podcasts* e *blogposts*. Está voltado para uma aprendizagem rápida e simples, podendo ser muito útil para revisar conteúdos diversos.

Como se vê, o meio digital oportuniza o uso de estratégias que se bem direcionadas e supervisionadas pelo professor podem trazer resultados significativos para a aprendizagem do aluno e não somente na disciplina de língua inglesa, mas para “a educação de um modo geral, não é a substituição do real pela virtual, mas uma convivência entre os dois (LEFFA, 2003, p. 17)”.

Vale ressaltar que as estratégias podem ser utilizadas em conjunto favorecendo o aprendizado, de modo que esta aconteça fora e dentro da sala de aula, conectando espaços diferentes, demonstrando que ambientes diferentes ao escolar, também possam ser utilizados como verdadeiros espaços de aprendizagem e busca incessante do conhecimento.

## **6 METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo exploratório, baseado na pesquisa bibliográfica com ênfase na análise qualitativa dos resultados, a partir da interpretação dos dados levantados de forma metódica e sistêmica.

O estudo exploratório, de acordo com Minayo (2009, p. 17) é aquela em que o “investigador vai propondo um novo discurso interpretativo” a respeito de um tema de interesse; almeja-se, através dele, conhecer as nuances sobre o objeto pesquisado.

Em relação à pesquisa bibliográfica, Lakatos e Marconi (2017, p. 183) enfatiza que “não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque [...], chegando a conclusões inovadoras”.

Desse modo, buscou-se um embasamento teórico consistente sobre a temática abordada nessa pesquisa, a partir de livros, incluindo os digitais, artigos, periódicos, dissertações e trabalhos de conclusão de curso já trabalhados por estudiosos diversos e devidamente registrados.

Com a escolha desse tipo de pesquisa, a investigação abordou fontes e subsídios relevantes para o entendimento sobre o tema objeto da pesquisa. Além de

possibilitar que pesquisadores interessados pelo tema amplie os estudos e conhecimento sobre o mesmo.

Assim, foi feita uma busca ao repertório de três plataformas de pesquisa nacionais por artigos em língua portuguesa: Repositório da UFSC e Portal de Periódicos do IFSCS, entre os anos de 2015 a 2019. O objetivo era fazer um levantamento da bibliografia que articula ensino de inglês e o uso de tecnologias, como:

- seleção dos artigos com base com as seguintes descritores: ensino de inglês AND tecnologia na escola. A pesquisa foi feita em língua portuguesa, busca por amostragem;

- seleção dos artigos;
- discussão.

Foram considerados válidos para as análises, os trabalhos cujo resumo e conclusão eram pertinentes ao estudo em tela.

Base de dados	Palavras-chave	Publicação	Seleção
Repositório UFSC	Ensino de inglês AND tecnologia na escola	8	3
Portal Periódico IFSC	Ensino de inglês	1	0

Os levantamentos retirados da pesquisa junto ao Repositório da UFSC trouxeram dois Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) da especialização sobre o tema “Educação” e “Cultura digital”. O primeiro, de Matos (2016), possibilitou compreender a inserção da tecnologia no cotidiano escolar, em atividade de elaboração de texto em Inglês, com o uso de Tecnologias digitais de informação e comunicação como recurso para a aquisição de conhecimento, esse estudo voltou-se para alunos do ensino médio. No outro TCC, Pereira (2016) tratou do tema motivação para aprendizagem de Língua Inglesa no ensino em escolas de Joinville-SC, apontando que os jogos e músicas são motivação para a aprendizagem de língua inglesa na escola.

Ainda no Repositório da UFSC, Barreto (2016) em dissertação de mestrado investigou as tecnologias digitais, refletindo sobre as mudanças trazidas pelas mídias

no campo da educação. Buscou-se analisar a formação inicial do professor de inglês orientado à integração das mídias no contexto do Estágio Curricular Supervisionado.

Concluiu-se que as mídias em contextos pedagógicos tendem aproximar a cultura praticada pelos alunos fora da escola para dentro da sala de aula, isso deixa as atividades mais atraentes, com materiais autênticos para a realidade do alunado, pois grande parte dos alunos mostrou-se familiarizado com a utilização e interação em diferentes ambientes on-line.

A seleção das bases de dados se deu pela importância das atividades educacionais que elas possuem na formação e pesquisa no ensino de línguas. Assim, verificou-se que a tecnologia tem sido tema de pesquisa em todas as bases selecionadas, porém com direcionamentos variados.

## **7 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados obtidos na pesquisa evidenciam que tem havido esforços para a valorização do ensino de língua estrangeira, mais especificamente o inglês. Isto foi observado a partir da análise de documentos oficiais que servem como parâmetros e referência para a educação no Brasil, como os PCN (1998) e a BNCC (2018). Assim, enquanto o primeiro já retrata, há cerca de duas décadas, e reconhece a relevância social que o inglês representa para a sociedade, o segundo reafirma e consolida este idioma enquanto disciplina na educação básica brasileira na contemporaneidade.

No entanto, o estudo demonstra que foi a partir da LDB- 9394/96 que o ensino de língua estrangeira no currículo das escolas regulares foi normatizado, porém, restringe-se aos anos finais do ensino fundamental e ao ensino médio (BRASIL, 2016), deixando o público do ensino fundamental I fora das matrizes e diretrizes municipais, e dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Diante de várias afirmações encontradas nos artigos pesquisados, como o de Freitas (2014), Gervai (2018), Rocha (2009), Schutz (2018), Sudbrack (2013) foi possível constatar que o aprendizado de um segundo idioma facilita a compreensão e a consciência linguística da língua pátria, além de se tornar mais efetivo se iniciado mais cedo com a criança. Por essa razão, pretende-se com esta pesquisa suscitar reflexões para a inserção da disciplina de língua estrangeira no ensino fundamental I, tema que tem sido foco de investigação em várias pesquisas, como nas dos autores já mencionados.

Análises realizadas durante as investigações nos livros de Tapia e Fita (2015), Brown (2000) e Piletti (2004), os quais tem realizado estudos voltados para a motivação no processo de ensino-aprendizagem, revelam que para a inserção de um segundo idioma ocorrer de forma eficiente e eficaz, é preciso que os alunos estejam motivados a aprender.

Assim, perante as inovações tecnológicas, encontrou-se nos estudos de Moran (2015), sobre as metodologias ativas; Souza (2017), voltadas para o ensino híbrido e plataforma adaptativa; Borges (2011), que tem realizado estudos relacionados à realidade aumentada; estratégias de tecnologias educacionais capazes de motivar e proporcionar o aprendizado da língua inglesa para os alunos do ensino fundamental I, como: o ensino híbrido, a sala de aula invertida, a realidade aumentada, a *gamificação*, o *microlearning* e as plataformas digitais, como sendo um caminho possível para se alcançar o objetivo proposto nessa pesquisa.

No entanto, para que essas estratégias possam dar bons resultados ficou evidente a necessidade de que as escolas juntamente com as secretarias municipais de educação realizem um diagnóstico preciso para que se conheça a realidade da escola. Em seguida, seja feita a normatização da utilização das tecnologias educacionais nos documentos oficiais da instituição de ensino; além, é claro, de investir tanto na parte física, ou seja, em computadores ou outras tecnologias de qualidade para uso dos discentes, com acesso a uma internet de alta velocidade nos espaços de aprendizagens, como em profissionais para realizar a manutenção dos equipamentos, e na capacitação e formação continuada dos docentes, voltada para o uso dessas estratégias em sala de aula.

## **8 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O contexto atual aponta cada vez mais para a necessidade do aprendizado de um segundo idioma. Nesse sentido, a língua inglesa tem ganhado destaque pelo fato de estar presente nos mais diversos âmbitos de vivência do homem; e a escola, como um dos principais espaços de aprendizagem, ganha a responsabilidade de proporcionar esse saber.

Dessa forma, diversos documentos oficiais, como a LDB, os PCN, e a BNCC, mencionados neste artigo, tem proposto normatizações e diretrizes em vistas de um ensino para a cidadania, no qual engloba o ensino de inglês na educação básica,

porém, somente a partir do ensino fundamental II. Verifica-se, assim, a necessidade de que isso seja repensado e analisado no sentido de inserir a língua estrangeira, inglês, no ensino fundamental I.

Diante do que fora apresentado nesta pesquisa, espera-se que os resultados obtidos possam servir de reflexão para que as escolas, professores e os municípios possam implementar inovações em termos educacionais, por meio de estratégias de Tecnologia Educacional, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, no que concerne ao ensino e aprendizagem da Língua Inglesa

Para tanto, é recomendável que os municípios invistam nas escolas públicas, por meio de equipamentos básicos nos espaços físicos de aprendizagem, como, por exemplo, em pontos de acesso a uma internet de qualidade nas salas de aula, além de projetores audiovisuais e profissionais capacitados para realizar a manutenção dos equipamentos. Soma-se a estes, a aquisição de softwares, dentre os quais muitos são livres, e, é claro, a formação e preparo dos docentes.

Como se vê, são recursos simples que podem fazer a diferença na qualidade do ensino do inglês como segundo idioma, em vista de uma aprendizagem eficiente e eficaz, o que contribui para a integração do educando na sociedade em que vive, além de democratizar o acesso ao conhecimento.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BORGES JR., César Evangelista. **Uso de realidade aumentada no auxílio do ensino de palavras da língua inglesa**. 2011. 48 p. Monografia – Departamento de Ciência da Computação – DCC, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2011. Disponível em: <https://dcc.catalao.ufg.br/up/498/o/CesarEvangelista2011.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2019.

BRASIL. **Base nacional comum curricular**. MEC / Secretaria de Educação, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC\\_19dez2018\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf). Acesso em: 21 fev. 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em: 21 jul. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BROWN, H. Douglas. **Principles of language learning and teaching**. 4. ed. San Francisco: Longman, San Francisco State University, 2000.

CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. Língua e cultura. **Revista Letras**, Curitiba, v. 4, dez, 1955. ISSN 2236-0999. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/20046/13227>. Acesso em: 08 jul. 2019.

CRYSTAL, David. **English as a global language**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

EDMUNDO, Eliana Santiago Gonçalves. **Letramento crítico no ensino de inglês na escola pública** – planos e práticas nas tramas da pesquisa. São Paulo: Pontes Editores, 2013.

FADEL, Luciane Maria; ULBRICHT, Vania Ribas. Educação gamificada: valorizando os aspectos sociais. *In*: FADEL, Luciane Maria; ULBRICHT, Vania Ribas; BATISTA, Claudia Regina; VANZIN, Tarcísio (orgs.). **Gamificação na educação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2004.

FREITAS, Glória Maria Miranda; ARRUDA, Thaline Cabral. Inclusão social e educação: o papel do ensino da língua estrangeira. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E INCLUSÃO, Paraíba, v. 1, 2014. **Anais [...]**. Paraíba: Realize, 2014. ISSN 2359-2915. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade\\_1datahora\\_03\\_11\\_2014\\_15\\_09\\_49\\_idinscrito\\_2091\\_40feea1b23795d64058106037324b5c5.pdf](https://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade_1datahora_03_11_2014_15_09_49_idinscrito_2091_40feea1b23795d64058106037324b5c5.pdf). Acesso em: 07 jul. 2019.

GERVAI, Solange Maria Sanches. Reflexões sobre o ensino de língua estrangeira na escola pública brasileira. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. XXXVII, p. 184-194, 2018. São Paulo: LAEL/PUCSP, 2018. ISSN 2237-759X. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/intercambio/article/view/36661/25011>. Acesso em: 07 jul. 2019.

JARETA, Gabriel. Por que o ensino de inglês não decola no Brasil. **Revista Educação**, ed. 223, nov., 2015. São Paulo: Segmento, 2015. Disponível em: <https://www.revistaeducacao.com.br/por-que-o-ensino-do-ingles-nao-decola-no-brasil/>. Acesso em 19 jul. 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LEFFA, Vilson José. O ensino do inglês no futuro: da dicotomia para a convergência. *In*: STEVENS, Cristina Maria Teixeira; CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti. **Caminhos e colheita: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil**. Brasília: Editora UnB, 2003. Disponível em: [http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/ingles\\_no\\_futuro\\_hp.pdf](http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/ingles_no_futuro_hp.pdf). Acesso em: 28 jul. 2019.

LEITE, Lúcia Silva. Tecnologia Educacional é para todos? **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação - INTERCOM**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 162-166, jan. / jun., 1995. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/887/791>. Acesso em: 21 de jul. 2019.

MCKAY, Sandra Lee. Teaching English as an International Language: The Role of Culture in Asian Contexts. **The Journal of Asia Tefl**, Spring, v. 1, n. 1, p. 1-22, Spring, 2004. Disponível em: [https://www.academia.edu/23203881/Teaching\\_English\\_as\\_an\\_International\\_Language\\_The\\_Role\\_of\\_Culture\\_in\\_Asian\\_Contexts](https://www.academia.edu/23203881/Teaching_English_as_an_International_Language_The_Role_of_Culture_in_Asian_Contexts). Acesso em: 16 jul. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Sueli Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MIRANDA, Nilva Conceição. As relações entre a língua inglesa, o mercado de trabalho e os discursos da mídia na formação do sujeito educando na escola pública. *In*: EDUCERE, Formação de professores, complexidade e trabalho docente, 2015. **Anais [...]**. ISSN 2176-1396. 2015. Disponível em: <https://educere.pucpr.br/p1/anais.html?tipo=&titulo=AS+RELA%C3%87%C3%95ES+ENTRE+A+L%C3%8DNGUA+INGLESA%2C+O+MERCADO+DE+TRABALHO+E+O+S+DISCURSOS+DA+M%C3%8DDIA+NA+FORMA%C3%87%C3%83O+DO+SUJEITO+EDUCANDO+NA+ESCOLA+P%C3%9ABLICA&edicao=&autor=&area=>. Acesso em: 16 jul. 2019.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. *In*: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa Torres (orgs.). **Coleção Mídias Contemporâneas**. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações



jovens. v. 2. Ponta Grossa: UEPG/ PROEX, 2015. Disponível em: <http://www.youblisher.com/p/1121724-Colecao-Midias-Contemporaneas-Convergencias-Midiaticas-Educacao-e-Cidadania-aproximacoes-jovens-Volume-II/>. Acesso em: 28 jul. 2019.

OLIVEIRA, Gustavo Medeiros. **Geração Z: uma nova forma de sociedade**. 2010. 91 p. Monografia – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2010.

ROCHA, Cláudia Hilsdorf. **A língua inglesa no ensino fundamental I público: diálogos com Bakhtin por uma formação plurilíngue**. Trab. Ling. Aplic., Campinas, v. 48, n. 2, p. 247-274, jul./dez., 2009. ISSN 2175-764X. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010318132009000200006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010318132009000200006&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: jul. 2019.

SAVIANI, Dermeval. **O nó do ensino de 2º grau**. São Paulo: MEC, 1986.

SCHUTZ, Ricardo. A idade e o aprendizado em línguas. **English made in Brazil**. 2018. Disponível em: <https://www.sk.com.br/sk-apre2.html>. Acesso em: 19 jul. 2019.

SOUSA, Yna Honda de; COELHO, Iandra Maria Weirich da Silva; MENDONÇA, Andréa Pereira. Ensino de inglês para fins específicos: uma proposta pautada no ensino híbrido e na plataforma adaptativa duolingo. *In: IV CONEDU*, v. 1, 2017. **Anais [...]**. ISSN 2358-8829. 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/resumo.php?idtrabalho=2769>. Acesso em: 28 jul. 2019.

SOUZA, Joseane Paulo. A influência das novas tecnologias no ensino-aprendizagem da língua inglesa na educação básica. *In: I CONGRESSO DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA EM ARAPIRACA*, Arapiraca, v. 1, n. 1, 2015. **Anais [...]**. Arapiraca, 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/cipar/article/view/1967>. Acesso em: 22 jul. 2019.

SOUZA, Marcia Izabel Fugisawa. **Modelo de produção de microconteúdo para aprendizagem com mobilidade**. 2013. 143 p. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2013. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/261682461\\_Modelo\\_de\\_Producao\\_de\\_Microconteudo\\_para\\_Aprendizagem\\_com\\_Mobilidade](https://www.researchgate.net/publication/261682461_Modelo_de_Producao_de_Microconteudo_para_Aprendizagem_com_Mobilidade). Acesso em: 28 jul. 2019.

SUDBRACK, Meike Elke Jacobsen. Quanto mais cedo melhor? A aprendizagem da língua estrangeira na infância. **Revista Acadêmica Licenciaturas**, Ivoti, v. 1, n. 1, p. 30-33, jul. /dez., 2013. Disponível em: <http://www.ieduc.org.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/download/7/5>. Acesso em: 19 de jul. 2019.

TAPIA, Jesús Alonso; FITA, Enrique Caturra. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz**. 11. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

